

Acordo garante aula em escola particular

Pais de alunos aceitam arcar com mensalidade maior

Apesar de os professores particulares terem decidido continuar em greve até segunda-feira, quando farão nova assembleia, pelo menos 40% dos 35 mil profissionais das duas mil escolas particulares da cidade *furaram* o movimento, que já dura 11 dias úteis. Vários colégios — como o Isa Prates, em Copacabana; Zaccarias, no Catete, e Sion, no Cosme Velho — fizeram acordos isolados e outros — como o Colégio São José, no Centro, e o São Paulo, em Ipanema — sequer chegaram a parar, porque seus professores decidiram continuar trabalhando enquanto aguardam o percentual de aumento que está para ser definido.

Embora os acordos salariais isolados impliquem em aumento da mensalidade — a lei permite o repasse de 70% dos reajustes dados a professores —, os pais parecem ter ficado satisfeitos. “Ou você paga ou você pira”, define a vendedora de roupas autônoma Jussiara Valgueiro Daury, de 26 anos, mãe de Léo, de 4 anos, que estuda no Jardim de Infância Pernalonga, do Colégio Isa Prates. “Mesmo sabendo que a mensalidade vai aumentar, estou dando graças a Deus. Ano passado, quando a greve durou um mês, não fiz nada, fiquei em função de filho. Por pouco não enlouqueci”, disse ela.

Os 100 profissionais de ensino que trabalham no Isa Prates ganharam 85% de reajuste em fevereiro, mas aderiram, durante quatro dias, à greve iniciada em 25 de abril. No entanto, eles acabaram concordando com a proposta da direção do colégio, de

aumento de 50% retroativo a abril, mais duas parcelas de 25% nos salários de maio e junho, o que significa um reajuste total de 134,37%.

No próximo dia 20, informou Newton Prates Filho, um dos donos do colégio, os pais terão que pagar 35% do valor da última mensalidade — em torno de Cr\$ 30 mil — e, nos próximos dois meses, mais duas parcelas de 17,5%. Esses percentuais correspondem ao repasse de 70% sobre o reajuste de professores, permitido pela lei. “O repasse será feito aos poucos, para não doer muito no bolso dos pais”, afirma Newton Prates.

A professora aposentada Amélia Areas, de 53 anos, mãe de Ana Paula, de 19 anos, que cursa o pré-vestibular no Colégio Zaccarias, no Catete, disse que ainda não recebeu qualquer circular sobre o futuro aumento, consequência do acordo entre a direção da escola e os professores. Mas ela adianta que não se importará em pagar o reajuste. “O que não pode acontecer é os pais ficarem pagando por aulas perdidas. Estou convencida de que os professores têm que encontrar outra forma de pressão que não seja a greve”, disse Amélia.

Continuar trabalhando durante as negociações do sindicato dos professores com os donos de colégios foi a opção dos profissionais do Colégio São José, no Centro da cidade. “O colégio já disse que vai pagar o que for decidido. Em fevereiro recebemos 125%, enquanto as outras escolas davam 85%. Então, por que fazer greve?”, perguntou uma professora do São José, que não quis se identificar. “Prefiro não dizer meu nome, para os xiitas do PT não ficarem me chamando de *pelega*”, justificou ela, antes de concluir: “Mas eu sei que estou cumprindo meu papel de educadora”.

Nilton Cláudino



A greve não afetou alunos do Colégio Isa Prates, que fica em Copacabana